

## Educação e ensino da saúde: ensino formal, não formal e informal

A Revista Saúde em Redes chega ao 6º ano. O número 1 desse ano conclui a publicação dos últimos artigos aprovados à chamada sobre Extensão e que foram publicados, na sua maioria, na edição passada. A resposta à chamada acabou representando importante indicativo à Rede Unida, responsável pela revista. A Rede Unida, associação científica nacional orientada à pesquisa e à produção de tecnologias e metodologias no campo da formação, sob o escopo da Saúde Coletiva, possui uma abrangência de difícil definição, nasce no interior dos processos de mudança no **ensino da saúde**, particularmente a mudança do foco hospitalar, técnico-centrado e orientado às profissões que recortam a saúde em fragmentos do conhecimento e da intervenção para o foco compreensivo e inclusivo das redes: redes locais onde se constitui o processo saúde-doença, redes tecnoassistenciais que envolvem saberes populares, científicos, artísticos e da cultura, e redes interdisciplinares que combatem as fragmentações do conhecimento e da intervenção em saúde. Pois bem, a chamada da Extensão colocou em causa essa agenda. O tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, enunciado brasileiro proposto pela área da Educação para configurar o escopo de práticas da **rede de ensino**, se encontrou de modo muito particular com a área

da Saúde Coletiva, em seu esforço de reconfigurar o escopo de práticas da **rede de atenção**.

A Extensão é aquela porta entreaberta das instituições formadoras e de ciência, tecnologia e inovação com a sociedade, assim como a Saúde Coletiva é aquela porta entreaberta da área da Saúde com a área de Humanas. A extensão atende àquilo que não está organizado sob a forma de currículo formal dos cursos (o extracurricular ou não curricular); atende às demandas de produção de conhecimento com práticas de pesquisa-intervenção, pesquisa-ação, pesquisa participante e pesquisa-formação; oferece ações educativas aos interessados, mesmo que não alunos regulares da instituição ofertante, proporcionando acesso à educação continuada e à educação permanente; articula práticas educativas do currículo com ação social junto à sociedade e assim por diante. A Saúde Coletiva atende àquilo que, internacionalmente, corresponde à Saúde Pública (nela incluída a base da Epidemiologia), mas também às contribuições em ciências sociais e humanas, uma particularidade construída no Brasil, instaurando domínios interdisciplinares que tornam bastante singulares as intervenções em saúde, articulando clínica, subjetividade e cultura, complexificando o **ensino da saúde**.

A Extensão pode estar na graduação e na pós-graduação, na educação escolar e no mundo da tecnologia e inovação. A Saúde Coletiva pode estar na promoção da saúde e prevenção de doenças, na intervenção e pesquisa epidemiológica, nas ciências sociais e humanas em saúde. A produção sobre Extensão ensejou as perspectivas do ensino formal, não formal e informal e colocou em cena o **ensino da saúde**. É que, na Saúde, tem história a *Educação para a Saúde*, ligada, de um ponto de vista individual, às teorias do cuidado (Enfermagem) e, de um ponto de vista coletivo, às práticas de promoção da saúde e prevenção de doenças (Medicina Preventiva). Esse conceito histórico se modificou para *Educação em Saúde* e, depois, para *Educação e Saúde*, em que pese a persistência da terminologia Educação em Saúde para evitar que pareça, à escrita, uma díade sem especial articulação. Observa-se, também, na história do setor da saúde, a emergência da designação política e pedagógica da Educação Popular em Saúde, depois Educação Popular e Saúde. Nas lutas por saúde e cidadania, a entrada da Educação Popular foi marcante. O uso da preposição “para a” indicava direção, enquanto o uso da preposição “em” indicava lugar ou situação. A troca pelo conectivo “e” visava afirmar um encontro horizontal ou de reciprocidade entre ensinar e aprender. A inserção do qualificativo “popular” indicava a escolha pela pedagogia problematizadora e pelo círculo de cultura.

Ao escopo do ensinar, intercambiar e desenvolver saberes entre profissionais do setor da saúde e a população (de usuários de serviços

de saúde a grupos populacionais ou grandes populações), a história legou a designação **Educação em Saúde**. Ao escopo da educação e formação profissional que gera diploma e certificação de habilitação para o exercício de uma profissão, a história legou a designação **Formação em Saúde**, mas o desenvolvimento do campo da gestão do trabalho e da educação na saúde formulou uma nova identidade: **Educação na Saúde**. Seja na Educação em Saúde, seja na Educação na Saúde, o **ensino da saúde** desponta como novo domínio interdisciplinar: tecnologias e metodologias de construção do conhecimento junto às pessoas e famílias que lidam com adoecimentos, processos de restabelecimento, cura e autocuidado, reabilitação, promoção da saúde e prevenção de doenças e agravos, assim como tecnologias e metodologias de construção do conhecimento entre estudantes e professores na educação formal em saúde; facilitadores e profissionais na educação em serviço, educação continuada e educação permanente em saúde, ou seja, educação não formal em saúde, e ainda a formação transcorrida no dia a dia do trabalho, como no apoio e supervisão aos trabalhadores nas relações interserviços e intersetoriais de produção da saúde, isto é, a educação informal em saúde.

Se a mudança no **ensino da saúde** requeria desarmar a preponderância do hospital universitário em relação às redes de atenção, a preponderância da técnica em relação às conexões de saberes e a preponderância da segmentação das profissões (saberes privativos por categoria profissional) em relação às práticas multiprofissionais e interdisciplinares, não era mais o bastante

ocupar lugar relevante de estar, de maneira expressiva, na comunidade ou no seio da sociedade, não apenas na escola e no hospital-escola, mas nas redes de educação e de atenção na saúde. Surgem os conceitos de rede-escola (sendo rede o Sistema Único de Saúde, seus serviços e órgãos de gestão e controle social), educação interprofissional, extensão comunitária, aprendizagem baseada em território, práticas colaborativas, aprendizagem social colaborativa, educação cooperativa, co-ensino, co-aprendizagem, entre outros, além das modalidades de vivência-estágio, residência integrada multiprofissional, apoio matricial, supervisão clínico-institucional, programa de educação pelo trabalho em saúde, programa de reorientação da formação profissional, programa vocação científica na educação profissional, fluxograma analisador, usuário-guia, entre outras.

A Rede Unida, congregando esses movimentos inovadores no debate da educação e desenvolvimento de trabalhadores da saúde, tem na Revista Saúde em Redes um veículo de difusão e disseminação da produção de conhecimento originário da pesquisa em Educação e Ensino da Saúde para sua aplicação em produtos e processos educativos voltados à população, grupos sociais e usuários dos serviços de saúde, assim como às necessidades da educação e formação profissional em saúde. Envolve, de outra parte, o trabalho na saúde, seu exercício cotidiano pelas profissões e sua condição de complexidade, que reivindica ensino e co-ensino, aprendizagem e co-aprendizagem. A referência à Educação e Ensino

da Saúde envolve, portanto, educação formal, não formal e informal, a popularização da ciência em saúde coletiva, a saúde na escola básica, a divulgação científica e popular em saúde, o intercâmbio educativo no campo sanitário, a mediação pedagógica entre entidades e sociedade em questões de saúde, a formação para o controle social em saúde, a arte-educação em saúde, a avaliação educativa institucional, entre outras produções pedagógicas.

Mais que a interdisciplinaridade entre Educação e Saúde Coletiva, visualizou-se o domínio interdisciplinar do conhecimento e das práticas abrangido pelo **Ensino da Saúde**. Contudo, pode-se vislumbrar a vitalidade de pesquisas, intervenções e produções no escopo de conexão entre Ensino e Saúde, podendo variar a preposição: Ensino em/na Saúde, Ensino de/da Saúde. A interface entre os campos da Saúde Coletiva (na área de Ciências da Saúde) e da Educação (na área de Ciências Humanas) pode fazer vibrar as interlocuções necessárias, tanto ao desenvolvimento tecnológico educacional do setor sanitário, da educação popular em saúde e do ensino em saúde, como para os processos de atenção integral e humanização das práticas em saúde da população.

A Revista Saúde em Redes responde à difusão do conhecimento em ensino formal, não formal e informal em saúde, acolhe produções relativas à educação e ensino da saúde em desenvolvimento pelas instituições educativas ou de ciência, tecnologia e inovação, que cumprem ordenamento curricular institucional para a formação de estudantes, pesquisadores e experts, gerando diplomação

e/ou certificação, assim como em desenvolvimento por instituições diversas, como serviços de saúde, movimentos sociais organizados e centros de educação popular, entre outros, mais as modalidades de educação permanente em saúde, extensão e atualização. Além disso, aquelas produções que interpretam relações sociais e familiares, experiências de vida e tradições ou a cultura e comunicações. Nesse sentido, a revista se interessa pelas ações de ensino, pesquisa e extensão, mas também de desenvolvimento tecnológico e inovação implicadas com ensino da saúde, se interessa pela divulgação didática, divulgação científica, formação docente e formatação de processos pedagógicos. Por um lado, a formação dos profissionais no ensino superior e técnico, por outro, a aprendizagem no trabalho e as reflexões sobre o trabalho.

Nos últimos cinco anos de Saúde em Redes, tivemos 19 números regulares e 4 suplementos. Nos números regulares, foram publicados aproximadamente 250 artigos de autores brasileiros e estrangeiros. As chamadas especiais de artigos mobilizaram temas de mérito científico, ainda que sem visibilidade nos veículos de disseminação, respondendo à divulgação de relevância social, como os temas da “adoção compulsória” (retirada de bebês de mães consideradas incapazes de cuidar e que, ao contrário, necessitavam de cuidados), o cuidado à saúde das populações migrantes (o “cuidado sem fronteiras”, como no direito universal à saúde) e a missão da Extensão (descrita aqui). Também foi publicada uma

produção compartilhada entre Brasil e Itália no Suplemento do Laboratório Ítalo-Brasileiro de Formação, Pesquisas e Práticas em Saúde Coletiva. Temos visto, no percurso da Revista, um incremento de artigos aprovados e um número crescente de artigos submetidos. Desde 2019, comemoramos a inclusão na base Lilacs, que expande substantivamente o acesso e amplia a responsabilidade editorial. Seguimos interessados nos movimentos locais, nas experiências singulares, nos temas que ficam à margem, buscado dar lugar à divulgação científica da educação e trabalho na saúde. Com o fortalecimento das temáticas mais frequentes no campo da educação, do trabalho, do ensino, da formação e do desenvolvimento pedagógico e tecnológico, pretendemos alocar uma contribuição relevante para a afirmação da diversidade, inclusão da alteridade e fortalecimento das potências de criação.

Mais um número de Saúde em Redes está publicado, a educação e ensino da saúde se enriquece. Ensino formal, não formal e informal em saúde ganham divulgação. A produção de conhecimento em ensino da saúde ganha difusão. Que as portas entreabertas entre instituição e sociedade, entre saúde e humanidades, entre educação e ensino continuem dando permissão às novidades e inovações que levam à atenção integral, à humanização, à cidadania e à construção do conhecimento.

Ricardo Burg Ceccim

Alcindo Antônio Ferla

(Editores da Revista Saúde em Redes)

## Referências

- Barboza TAV; Fracolli LA. A utilização do "fluxograma analisador" para a organização da assistência à saúde no Programa Saúde da Família. **Cad. Saúde Pública**. 2005; 21(4):1036-1044. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2005000400006>.
- Ceccim RB, Ferla AA. Educação e saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteiras. **Trab. educ. saúde**. 2008; 6(3):443-456. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462008000300003>
- Ceccim RB. A emergência da educação e ensino da saúde: interseções e intersectorialidades. **Ciênc. Saúde** (Porto Alegre). 2008; 1(1):9-23. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faenfi/article/viewFile/3859/2936>
- Hora DL, Souza CTV. Ensino na saúde: propostas e práticas para a formação acadêmico-pedagógica de docentes. **RECIIS – Rev Eletron de Comun Inf Inov Saúde**. 2015; 9(4). Disponível em: <https://doi.org/10.29397/reciis.v9i4.947>
- Medeiros CMB, Braga CN, Frutuoso TM, Filipecki ATP Organizadores. **Olhares, escritos e memórias: 30 anos do Programa de Vocação Científica**. Rio de Janeiro: EPSJV; 2016. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/26217>
- Seixas CT, Baduy RS, Cruz KT, Bortoletto MSS, Slomp Junior H, Merhy EE. O vínculo como potência para a produção do cuidado em saúde: o que usuários-guia nos ensinam. **Interface** (Botucatu). 2019; 23:e170627. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.170627>